

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 18/12/2020.

NAELI SIMONI-CASTRO

**LUGAR DE MULHER É MESMO ONDE ELA QUISER?:
os sentidos atribuídos às categorizações de gênero por trabalhadoras/or de um
Empreendimento de Economia Solidária (EES)**

ASSIS

2018

NAELI SIMONI-CASTRO

**LUGAR DE MULHER É MESMO ONDE ELA QUISE?:
os sentidos atribuídos às categorizações de gênero por trabalhadoras/or de um
Empreendimento de Economia Solidária (EES)**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Deivis Perez Bispo dos Santos

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo Nº 2016/04331-0)

ASSIS

2018

S5991	Simoni-Castro, Naeli Lugar de mulher é mesmo onde ela quiser? : Os sentidos atribuídos às categorizações de gênero por trabalhadoras/or de um Empreendimento de Economia Solidária (EES) / Naeli Simoni-Castro. -- Assis, 2018 108 p. : tabs. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Deivis Perez Bispo dos Santos 1. Economia Solidária. 2. Economia Feminista. 3. Categorização de Gênero. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: LUGAR DE MULHER É MESMO ONDE ELA QUISE?: os sentidos atribuídos às categorizações de gênero por trabalhadoras/or de um Empreendimento de Economia Solidária (EES)

AUTORA: NAELI SIMONI DE CASTRO

ORIENTADOR: DEIVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. DEIVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS
Depto. de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

Profa. Dra. ANA MARIA RODRIGUES DE CARVALHO
Depto. de Psicologia Experimental e do Trabalho / UNESP/Assis

Profa. Dra. MARIA DAS GRAÇAS DE LIMA
UniPaulistana / São Paulo

Assis, 18 de dezembro de 2018

Ao protagonista do meu mais imensurável amor, Enzi;

À grande mestra da vida, vó Flauzina, figuraça cuja personalidade prenunciaria que sua despedida seria sempre, ridiculamente, breve. Um apelo à eternidade das avós;

E, àquela que tem sua morte anunciada: saúdo a democracia. Um salve à Universidade pública, gratuita e de qualidade. Militar é verbo, resistiremos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu Enzi Tchiengo. Obrigada pela chegada brilhantemente surpreendente. Por me brindar mãe, de um ser tão espetacular e ser esse companheiro incrível de todas as horas. Por abdicar da sua zona de conforto já nos primeiros meses de vida, para que esse texto tomasse corpo. Por me possibilitar aprender o que não se encontra em livro algum.

Minha gratidão à minha família: irmão João Pedro, mãe Mariuza, pai João, minha eterna e intensa vó Flauzina (*in memorian*), certamente a pessoa mais extraordinária com que pude conviver. Confesso que sempre soube de tal importância, tanto que a levo comigo na concretude que as palavras em diálogo possam oferecer, estas que afagam meu coração aflito por sua risada gostosa e cheia de janelinhas, os diálogos tão autênticos, as cantorias que ressoava, lembrando os tempos de moça. “Fia”, “Naeli, gareli” jamais esquece de tu, “Flauzina, buzina”. E vô Pedro (*in memorian*), personificando a redundância de italiano preocupado e que sempre colocou meu nome em tuas não tão silenciosas preces. Tê-los velado inexplicavelmente juntos fez o verão desse ano mais gélido. Ao companheiro Felizardo, que buscou se fazer presente na leitura e incentivo além-mar.

Às mestras e mestres: Mariele, Ana Maria, Diana, Cláudia, Gisele, Soraia, Lu, Carlos, Justus. Pela sutileza dos encontros para além dos blocos de concreto. Em vocês me espelho como ser humano, posicionamento ético e bom senso.

Aquela que me incentivou com visitas, cafezinho, cerveja (*glúten free*) e apontamentos: Talita, você é uma queridíssima. Se não tivesse havido a materialidade dos abraços fraternos eu arriscaria dizer que tu não existes, senão fruto de imaginação, feito amigo imaginário.

Às amigas e amigos que sempre estiveram comigo, independente da quilometragem imposta pela tal roda viva: Gleice, Jéssica Lima, Jéssica Ferreira, Miryan, Simone Jéssica Camargo, Mayara, Anna Betine, Arlene, Helô, Yasmim, Gio Fogaça, Malu, Karina, Wendy, Ailton, Donha, Guilherme, Vensam Iala, Cledione, Maico, PH (paiê, to mestrando). Às amigas e amigos que a pós-graduação me presenteou: Dani, Ruth, Herbert, Juliana Jardim, Jeff. Considero-me mesmo sortuda, pois tenho as/os melhores amigas/os que alguém possa ter: as/os carrego no peito por onde vou, com a certeza da reciprocidade enunciada em cada olhar caloroso, abraço em que se sente o coração acelerado, forró que bailamos como se fosse a última dança. Ainda que toda essa troca ocorra a cada ano, a intensidade das/os que resistem só intensifica.

Às amigas que a maternidade generosamente me brindou: Jessica Gottschalk, Anita, Bárbara, Ariane, com as quais aprendo todos os dias e reverencio como sinônimo de incessante superação de si mesmo. Delas é que nasce a real vibração positiva, por ver outra mãe superando os próprios limites. Acreditaram em mim e me fortaleceram para seguir, mesmo quando o puerpério, este indecifrável, sugava a todas nós, quase que concomitantemente. Resignificar foi necessário, e hoje escrever o fim dessa saga de modo compartilhado, tem um novo paladar. Mais doce, certamente.

Àquelas que compuseram a rede de apoio para que essa mãe pudesse dar continuidade aos estudos: Cida, que, em uma urgência acadêmica, cuidou com tanto amor de Enzi ainda recém-nascido; Luíza, que cuida com a atenção de uma mãe, e o amor redobrado de avó; às “meninas” do CER, Leatrice Rodrigues Afonso/Araraquara-SP, Lorena, Thayana, Rosângela, Mireli e Rose, que nos acolheram com atenção, cuidado e carinho, inclusive quanto às descobertas das alergias alimentares múltiplas e então os obstáculos maternais só aumentavam.

À FAPESP, processo nº 2016/04331-0, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo apoio financeiro. Inclusive por contemplar políticas de inclusão, como a licença maternidade, possibilitando a formação de mães cientistas.

Às trabalhadoras e trabalhadores do Empreendimento de Economia Solidária, cuja vivência trouxe-me uma admiração que transborda a relação profissional. Verdadeiras/os guerreira/os na vida!

Ao orientador Deivis Perez, pelo auxílio prestado, acompanhando em todas as esferas do trabalho, muito agradecida.

Catarina Guerreira

(Fernanda Guimarães)

Lá vai Catarina descalça subindo a ladeira
Que mulher guerreira
Sozinha levando a sacola pesada da feira
Que mulher guerreira ô, que mulher guerreira
Quem vê Catarina passando
Nem pensa
O perrengue que passa
Descalça ela vai caminhando
Sorrindo com graça
De dia ela vai pra faxina, de noite ela faz mamadeira
A força que tem Catarina
Não é brincadeira
Que mulher guerreira ô que mulher guerreira
A força que tem Catarina não é brincadeira
Que mulher guerreira ô que mulher guerreira
A força que tem Catarina
Não é brincadeira.

SIMONI-CASTRO, Naeli. **Lugar de mulher é mesmo onde ela quiser?:** os sentidos atribuídos às categorizações de gênero por trabalhadoras/or de um Empreendimento de Economia Solidária (EES). 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada em um Empreendimento de Economia Solidária tendo como base dois objetivos articulados e complementares: a) identificar e analisar as concepções e os sentidos conferidos à categoria gênero (ser homem e ser mulher) por trabalhadora/es que desenvolvem as suas atividades ocupacionais no campo da economia solidária; e b) examinar os modos como as concepções e os sentidos que os profissionais atribuem às categorizações de gênero interferem e afetam no desenvolvimento cotidiano do trabalho na perspectiva das/dos voluntárias/os desta pesquisa. Os objetivos acima foram perseguidos considerando a perspectiva qualitativa de pesquisa e seguindo os aportes teórico-metodológicos da Clínica da Atividade, a partir do dispositivo da autoconfrontação. A autoconfrontação foi realizada em três etapas cujos objetivos e ações seguem explicitados: 1) Aproximação da pesquisadora com o coletivo de trabalho, através da leitura dos documentos prescritivos, observação, construção do diário de campo e entrevista semiestruturada; 2) Estimulação do grupo voluntário para a análise das questões de gênero no ambiente de trabalho, a partir de dois movimentos: a) Registro e gravação das atividades do trabalho previamente combinados; b) Apresentação individual dos vídeos editados, estimulando a coanálise do trabalho; 3) Compilação, transcrição e análise do material coletado, agregando à análise o exame dos documentos prescritivos e a observação participante realizada em campo. Durante a autoconfrontação, foi possível compreender que três dentre as/os quatro pessoas voluntárias da pesquisa partiram de uma concepção biologicista de gênero, cujas características de homem e mulher assinaladas reforçam os estereótipos de gênero. Nesse sentido, as concepções de gênero corroboram com a divisão sexual do trabalho, que, no EES pesquisado, culmina em dois aspectos observados como cruciais: em primeiro, a hierarquização das funções, que utiliza do sexo biológico para reafirmar práticas de desigualdade, tal como a invisibilidade e inferiorização das funções reprodutivas executadas no âmbito público; em segundo, a segmentação das funções, e uma dificuldade, por parte das mulheres, de ultrapassar barreiras multifacetadas (econômicas, profissionais, pessoais, etc.), para ocupar funções distintas daquelas estabelecidas em detrimento da visão naturalista de homem e de mulher. Conclui-se que, mesmo no contexto da ES e com iniciativas de comprometimento com a igualdade de gênero e ações dedicadas ao protagonismo e fortalecimento das mulheres, as atividades reprodutivas não deixam, automaticamente, de ocupar a esfera das atividades invisibilizadas e inferiorizadas. Assim, a economia solidária, em junção com uma epistemologia feminista, a exemplo da Economia Feminista, propõe, oferece, possibilidades reais de transformação social acerca das desigualdades de gênero nos EES.

Palavras-chave: Economia Solidária. Economia Feminista. Categorização de gênero.

SIMONI-CASTRO, Naeli. **Is the woman's place really where she wants?:** the meanings attributed to gender categorizations by workers of a Solidarity Economy Entrepreneurship (SEE). 2018. 108 p. Dissertation (Master's Degree in Psychology) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

ABSTRACT

This research was carried out in a Solidarity Economy Entrepreneurship basing itself on two articulated and complementary objectives: a) to identify and analyze the conceptions and meanings related to the category of gender (being a man and being a woman) by workers who develop their occupational activities in the field of solidarity economy; and b) to examine the ways in which the conceptions and senses that professionals attribute to gender categorizations interfere and affect the daily development of the work in the perspective of the volunteers of this research. The above objectives were pursued considering the qualitative perspective of research and following the theoretical-methodological contributions of the Clinic of Activity, which makes use of a device known as self-confrontation. Self-confrontation was carried out in three phases whose objectives and actions are namely: 1) The approach of the researcher to the work group, through the reading of prescriptive documents, observation, construction of the field journal and semi-structured interviews; 2) The stimulation of the volunteer group to analyze gender issues which are present in their work environment, based on two movements: a) Registration and recording of previously combined work activities; b) Individual presentation of the edited videos, stimulating co-analysis of the work; 3) Compilation, transcription and analysis of the collected material, adding to the analysis the examination of the prescriptive documents as well as the participant observation carried out in the field. During self-confrontation, it was possible to understand that three of the four volunteers depart from a biologicistic conception of gender, whose characteristics of men and women by them attributed reinforce gender stereotypes. In this sense, gender conceptions corroborate with sexual division of labor, which, in the researched SEE, culminates in two aspects, here observed as crucial: firstly, the hierarchization of functions, which uses biological sex to reaffirm practices of inequality, such as invisibility and inferiority of reproductive functions performed in the public sphere; and secondly, the segmentation of functions, and a kind of difficulty, on the part of women, to overcome multifaceted barriers (economic, professional, personal, etc.), in order to occupy roles other than those established, to the detriment of the naturalistic view of man and woman. It is concluded that, even in the context of SE, despite initiatives committed to gender equality and actions dedicated to the protagonism and empowerment of women, reproductive activities do not automatically cease to occupy the sphere of invisibilized and inferiorized activities. Thus, Solidarity Economy, together with a feminist epistemology, such as the Feminist Economy, proposes, offers, real possibilities of social transformation concerning gender inequalities in the SEE.

Keywords: Solidarity Economy. Feminist Economy. Gender Categorizations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 GÊNERO E TRABALHO	18
1.1 Raízes e problemática das categorizações de gênero enquanto construção social	18
1.2 Mulheres e divisão sexual do trabalho: conquistas e complexidade	23
2 ECONOMIA SOLIDÁRIA E ECONOMIA FEMINISTA	29
2.1 Economia: definição e etimologia da palavra	29
2.2 Lutas anticapitalistas e surgimento das cooperativas	31
2.3 Contexto da Economia Solidária no Brasil	36
2.4 Gênero sob o enfoque da Economia Feminista	42
3 DELINEAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA	48
3.1 Clínica da Atividade e autoconfrontação simples: abordagem teórico-metodológica da pesquisa	48
3.2 O Dispositivo Metodológico: Uma explanação teórica da autoconfrontação	51
4 RECOLHA DOS DADOS E CONTEXTO INSTITUCIONAL	54
4.1 Cenário institucional	54
4.2 Caracterização das/o voluntárias/o	55
4.3 Processo de aplicação do dispositivo: aproximação das/o trabalhadoras/or	57
4.4 Detalhamento do cotidiano de aplicação do dispositivo e recolha de dados	60
5 NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE	64
5.1 “Tem sempre alguém sobrando pra fazer a função do sexo feminino, entendeu?”: Sobre divisão e desempenho de funções entre homens e mulheres na cooperativa	65
5.2 Ele é forte, mas vem dela a força	70
5.3 “Eles não gostam”, “eles não aceitariam”; então, elas se humilham?: Sobre a organização, limpeza geral e dos banheiros	79
5.4 Direção de caminhão: “vai da mulher” ou “falta oportunidade”?	85
5.5 Homem vem “ajudar”? : Sobre a dupla jornada e sobrecarga de trabalho das mulheres	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94

REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	104
APÊNDICE B – CONSENTIMENTO	105
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	106
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	107

INTRODUÇÃO

No artigo intitulado “Memórias de uma União das Trabalhadoras”, de Virgínia Woolf, que integra uma coletânea de artigos escritos por trabalhadoras de uma Cooperativa, a autora inicia não como um prefácio de seu livro *Life As We Have Known It* (A vida como a conhecemos), como lhe haviam pedido, mas como uma carta na qual dialoga com essas trabalhadoras se valendo das lembranças vivenciadas na Inglaterra de 1913. Woolf se refere ao movimento sufragista, que data do final do século XIX, momento histórico identificado como da *primeira onda* do feminismo.

Valia a pena olhar. Certamente não havia poltronas, luz elétrica ou água quente na vida delas; e nem colinas gregas ou baías mediterrâneas em seus sonhos. Padeiros e açougueiros não vinham entregar os pedidos. Não assinavam cheques para pagar as contas da semana, nem reservavam por telefone num lugar barato, mas muito bom, no teatro. Se saíam em viagem era por um dia, levando comida na sacola e os nenês no colo. Não percorriam a casa e diziam: essa capa precisa lavar, esses lençóis precisa trocar. Mergulhavam os braços dentro da água quente e elas mesmas esfregavam as roupas. Por isso tinham um corpo atarracado e musculoso, mãos grandes, gestos lentos e pesados de gente que fica rígida muito tempo e então se joga exausta numa cadeira de costas duras. Não tocavam nada de leve. Agarravam os papéis e canetas como se fossem vassouras. Tinham rosto decidido, cheio de rugas e vincado de sulcos. Era como se estivessem com os músculos sempre tesos e no limite. Os olhos pareciam estar sempre postos em algo concreto – panelas fervendo, crianças fazendo molecagens. Os lábios nunca mostravam as emoções mais leves e soltas que aparecem quando o espírito está plenamente à vontade com o presente. Não, elas não tinham absolutamente nada de soltas, afáveis, cosmopolitas. Eram nativas da terra, com raízes num só lugar. Até os nomes pareciam pedras dos campos – comuns, sem graça, batidos, obscuros, privados de todos os esplendores do romance e da amizade (WOOLF, 2013, p. 72-73).

Mulheres de todo o país se reuniam para debates sobre seus direitos, discursavam, protestavam, reivindicavam e exigiam igualdade, direito ao voto, ao trabalho sem prévia autorização do marido, como ocorria às mulheres de uma classe e cor específicas. Mas, entre essas, havia aquelas que já trabalhavam, sem prévia autorização, não por contarem com privilégios os quais às burguesas lhes faltavam, mas por terem somente a famigerada opção entre trabalhar nos serviços mais desvalorizados que lhes restavam, ou morrer de fome. Escolhas lhes restavam poucas: talvez optar sobre qual seria o melhor dos trajes a vestir para comparecer aos acalorados discursos feministas. E no momento seguinte voltar as roupas no armário, mergulhar as mãos na água, e se colocarem a lavar (WOOLF, 2013). Virgínia soube

naquele momento que o termo genérico *mulheres* não era apenas perigoso, mas extremamente excludente.

Woolf (2013) assinala que o termo não pode ser genérico e descontextualizado, então, iniciamos essa escrita enfatizando que é sobre essas mulheres trabalhadoras, catadoras, que estamos a falar; não apenas *delas*, mas principalmente *com elas*. Essa pesquisa tem o propósito de analisar a concepção e os sentidos que as categorias de gênero possuem, especificamente o *ser homem* e *ser mulher*, por trabalhadoras/or¹ que desenvolvem suas atividades ocupacionais no campo da economia solidária. Ainda, busquei examinar como as concepções e os sentidos que os profissionais dão à categoria gênero afetam e/ou interferem no desenvolvimento cotidiano do trabalho na perspectiva das voluntárias e do voluntário desta pesquisa. A temática geral proposta foi investigada por meio do estudo de caso de um grupo composto por três trabalhadoras e um trabalhador de um Empreendimento de Economia Solidária (EES), localizado no Estado de São Paulo, eixo centro-oeste paulista. Destaca-se que foram estabelecidos acordos prévios que garantiram o respeito aos princípios éticos da pesquisa com seres humanos, conforme a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que está diretamente ligada ao Conselho Nacional de Saúde (CNS), o que ensejou a substituição dos nomes das pessoas que compõem o grupo de voluntariadas/o por siglas, a fim de preservar a identidade de todas e todos. Tal substituição não compromete a compreensão da pesquisa ou interfere na adequada visualização do cenário organizacional e na compreensão das características dos participantes.

O meu² interesse em realizar esse estudo origina-se a partir de um estágio de dois anos realizado durante a graduação em Psicologia, no trabalho com EES, no qual havia muitas mulheres, o que é concordante com a realidade dos Empreendimentos Solidários localizados na área urbana. O contato com essas mulheres e com os poucos homens me ajudou a perceber o quanto as categorizações de gênero estavam presentes nas falas, que por vezes se transformavam em reivindicações, a exemplo das reclamações presenciadas para *admissão* de mais homens para executarem serviços *de homens*. Chamou-me a atenção especialmente o fato de que dentre os pilares da Economia Solidária está a igualdade, e desde então tenho perseguido a questão que já é enunciada no título, afinal na Economia Solidária e mais

¹ Adotei neste texto as orientações contidas no "Manual para uso não sexista da linguagem". Rio Grande do Sul, Governo do Estado, Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf>. Acesso em: 30 Jan. 2018.

² Optei por utilizar a primeira pessoa do singular no princípio do capítulo introdutório desta dissertação, porque se trata da apresentação da história pessoal que levou ao interesse pelo tema que foi investigado.

especificamente nesse EES: *Lugar de Mulher é mesmo onde ela quiser*? O que têm a nos dizer essas três trabalhadoras e esse trabalhador, voluntárias e voluntário dessa pesquisa?

Concomitantemente ao estágio, já encaminhava uma pesquisa científica em educação cuja base epistemológica da Psicologia Histórico-Cultural se alinhava aos princípios filosóficos da economia solidária. Foi aos poucos germinando um desejo de ir além da extensão e realizar uma pesquisa mais minuciosa, nascendo então os primeiros escritos do projeto de mestrado, culminando nessa dissertação. Com a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), aumentou o número de cooperativas organizadas no país, entre elas as cooperativas de materiais recicláveis (SINGER, 2014). O debate sobre gênero na economia solidária tem se desenvolvido também nos últimos anos. Destaca-se a criação, em 2013, da Secretaria de Mulheres Catadoras do Estado de São Paulo (SEMUC-SP), que, além de ter sido criada em meio ao movimento nacional de catadoras e catadores, apresenta como temática principal dos seus debates o trabalho desenvolvido pelas mulheres dos empreendimentos solidários, o que reforça o interesse crescente de segmentos sociais no estudo e compreensão da equidade de gênero nessa modalidade de empreendimento de economia solidária. Essa Secretaria adotou, no ano de 2014, o seguinte lema: *Lugar de Mulher é onde ela quiser*.

No campo acadêmico-científico observei uma ampliação da relevância dos estudos sobre *economia solidária* e *gênero*. Corroborou essa impressão o levantamento que realizei junto aos bancos de periódicos e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Neste levantamento busquei identificar os principais conteúdos das produções acadêmicas associadas aos descritores *economia solidária* e *gênero*.

A busca resultou na identificação de vinte e uma pesquisas que abordavam, de modo articulado, as questões da economia solidária e gênero. De modo geral, os estudos apresentavam caráter multidisciplinar, com predominância para as áreas, conforme a delimitação da CAPES, de Ciências Sociais, Sociologia, Serviço Social e Ciências Políticas (7), Administração (5), Educação (4), Agroecologia e Desenvolvimento Rural (1), Sociedade e Cultura na Amazônia (2) e Psicologia (2). No segmento das Ciências Sociais e afins, observei o predomínio de estudos acerca do protagonismo das mulheres na ES aqueles e voltados para a identificação das estratégias de promoção de igualdade de gênero nos EES; na Administração, a ênfase foi na compreensão dos modos como tem se ampliado a busca pela igualdade de gênero a partir do estudo de casos de inserção de mulheres em EES; na Educação, as pesquisas foram dedicadas ao registro e descrição dos saberes das mulheres

produzidos no processo de auto-organização e, também, a compreender como os conhecimentos tácitos das mulheres veteranas que compõem as redes de ES podem contribuir no processo de outra sociabilização; o único estudo encontrado no campo da Agroecologia e Desenvolvimento Rural teve como objetivo verificar a inserção de catadoras no campo da economia solidária; as investigações da área Sociedade e Cultura na Amazônia foram dedicadas às oportunidades de geração de renda, visando assegurar a sobrevivência; e, por fim, os estudos na área da Psicologia foram dedicados ao exame dos nexos entre as experiências vividas por mulheres no trabalho em EES e as metamorfoses da identidade das participantes das pesquisas.

Entre os estudos identificados, observei que nove possuíam aproximação com a temática geral proposta neste projeto de pesquisa. Dentre essas investigações, destaco a dissertação de Herk (2011), que teve como objetivo estudar a relações entre o gênero e a atuação nos cargos de gestão de duas organizações solidárias. A autora estudou os conflitos presentes nas relações laborais especificamente relacionados às categorizações de gênero. Ainda, vale mencionar a dissertação de Moreira (2013), a qual verificou a inserção das catadoras de materiais recicláveis no processo da economia solidária, dando especial relevo às práticas sociais e de trabalho dessas mulheres. A dissertação de Momo (2013) foi dedicada ao exame da percepção social das mulheres em EES que atuam especificamente no campo da agricultura familiar, considerando o caso de inserção de mulheres num assentamento rural dedicado à agricultura familiar no município de Mossoró, Rio Grande do Norte. Outra pesquisa que se deve citar é a dissertação de Pires (2010), que investigou os significados da autogestão atribuídos por um grupo de cooperadas/os, tendo como fundo as relações de gênero nas cooperativas constituídas majoritariamente por mulheres. Temos também a tese de Cruz (2006), em que a autora se ocupou do estudo do papel das mulheres na economia solidária e dos vínculos sociais estabelecidos nessa modalidade de experiência ocupacional. A temática *empoderamento de mulheres* foi o centro da pesquisa de Queiroz (2013), que teve como objetivo produzir saberes sobre o modo como as mulheres donas de casa e trabalhadoras da informalidade encontram no empreendedorismo solidário uma oportunidade de geração de renda e sobrevivência.

Outras pesquisas relevantes foram produzidas por Fonseca (2010), Ramos (2012) e Vasconcelos (2011), dedicadas, respectivamente: a) às transformações identitárias e de empoderamento de mulheres de três associações de artesanato e culinária; b) ao exame da percepção de mulheres sobre a ampliação, relacionada ao engajamento em EES, da autonomia, do nível de reconhecimento, da qualificação e da autoestima/ dignidade; c) à

análise das relações entre gênero e tecnologia no contexto das recentes experiências da Economia Solidária.

Apesar da proximidade temática das inúmeras pesquisas mencionadas, é preciso ressaltar que não registrei ênfase nos conceitos e sentidos atribuídos à categorização de gênero em EES, conforme estudado nessa dissertação. Ainda, os trabalhos que examinei abordaram gênero sob a perspectiva somente das trabalhadoras, excluindo a visão dos homens, que também será contemplada no estudo. A opção que fiz por investigar os conceitos e sentidos de gênero por homens e mulheres de um EES ocorreu em sintonia com Saffioti (2004), segundo a qual o gênero deve ser compreendido nas situações em que são estabelecidas as relações sociais entre homens e mulheres.

A Clínica da Atividade ofereceu os aportes teóricos e metodológicos para a realização dos processos de recolha e compreensão dos dados, considerando que se trata de abordagem inserida no campo da Psicologia Social do Trabalho, com raízes epistemológicas situadas no quadro da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski, cujos pesquisadores têm se dedicado ao aperfeiçoamento de instrumentos de pesquisa voltados para a aproximação dos conteúdos do psiquismo humano, em particular o dispositivo metodológico denominado autoconfrontação simples, adotado neste estudo como mecanismo de recolha dos dados.

A autoconfrontação simples, instrumento metodológico adotado, será detalhada no capítulo teórico-metodológico; entretanto, de maneira introdutória vale apontar que se trata de um dispositivo que foi apropriado pelo linguista Daniel Faïta e aperfeiçoado por Ives Clot (PEREZ; MESSIAS, 2013b). No contexto da clínica da atividade tem sido o instrumento utilizado para estimular o debate em torno de questões significativas acerca do trabalho por um grupo de profissionais e para o estabelecimento de processos dialógicos, entre um coletivo laboral e uma pesquisadora ou pesquisador, em torno de temáticas potencialmente controversas que estão presentes no mundo do trabalho e que afetam esse coletivo.

Vale notar que adotei a noção de *sentido*, em sintonia com Vigotski (1934/2000), compreendida como a interpretação de um signo, de uma situação ou de um momento vivido, realizada por uma pessoa historicamente situada em seu contexto econômico, político e sociocultural. De acordo com Perez e Oliveira (2015), o sentido tem a ver com as sensações, afetos e sentimentos mobilizados por uma pessoa em relação a uma situação ou momento. Já a noção de *concepção*, que também integra a problemática examinada, está relacionada às dimensões reflexiva e cognitiva humanas e diz respeito ao entendimento, orientado prioritariamente pela racionalidade, que a pessoa tem sobre um conceito ou sobre uma

situação particular. O *significado*, por sua vez, é compartilhado com o público, no entanto o sentido de uma palavra predomina sobre seu significado (SOUZA; ANDRADA, 2013).

O interesse pelo exame da concepção e dos sentidos imputados às categorizações de gênero por trabalhadoras/es de um EES está inserido no bojo das preocupações contemporâneas de inúmeros segmentos sociais com a necessidade de eliminação das desigualdades às quais historicamente estão submetidas significativas parcelas da população, em particular as mulheres, de modo a garantir a justiça social e, por conseguinte, a construção de uma sociedade plural, igualitária e democrática, de fato. Nesse cenário, a opção pelo estudo da temática *gênero no mundo do trabalho* justifica-se em função da compreensão de que a atividade laboral humana constitui-se em fenômeno social, concreto e psicológico, que permite à pessoa desenvolver a si e, concomitantemente, transmutar o seu meio, concebendo novas relações entre os indivíduos de uma coletividade por meio da modificação das relações sociais anteriormente produzidas e que se apresentavam como consolidadas.

É preciso esclarecer que a temática *categorizações de gênero* inclui debates sobre as relações acerca de gênero e divisão sexual do trabalho, bem como contempla discussões sobre os diferentes níveis de reconhecimento profissional e remuneração, dentre outras questões que tendem a problematizar a existência de um gênero dominante, o masculino. Assim, esse tema geral se amplia no sentido da compreensão e busca da superação das manifestações da desigualdade no trabalho relacionadas às características e papéis socialmente estabelecidos como tipicamente *das mulheres e dos homens*.

Esta pesquisa teve dois objetivos articulados e complementares: a) identificar e analisar as concepções e os sentidos conferidos à categoria gênero (ser homem e ser mulher) por trabalhadoras/es que desenvolvem as suas atividades ocupacionais no campo da economia solidária; e b) examinar os modos como as concepções e os sentidos que os profissionais atribuem às categorizações de gênero interferem e afetam no desenvolvimento cotidiano do trabalho na perspectiva das pessoas voluntárias da pesquisa.

O exame das temáticas aqui propostas está dividido em cinco capítulos, além das considerações finais. O primeiro envolve as interseções de Trabalho e Gênero, apresentada em dois subtítulos: inicialmente abordando a história acadêmica de gênero e a seguir, apresenta os avanços desafios da problemática de gênero no contexto do trabalho; O capítulo dois trata da Economia Solidária e da Economia Feminista, abordando em um primeiro subitem os conceitos que permeiam a Economia Solidária; posteriormente o contexto em que a economia eclode no cenário mundial; no penúltimo subitem há uma explanação sobre a economia do Brasil quando empreendem-se as primeiras iniciativas solidárias; e por fim,

discorreremos a partir da perspectiva da economia feminista acerca das questões de gênero no contexto da economia solidária.

O terceiro capítulo apresenta a abordagem teórico-metodológica, dividida em dois subitens: o primeiro subitem aborda de maneira teórica e metodológica a clínica da atividade e em segundo momento a autoconfrontação simples. O capítulo de número quatro trata do contexto institucional da investigação apresentando: cenário institucional; caracterização das/os voluntárias/os de pesquisa; processo de aplicação do dispositivo. Por fim o quinto e último capítulo, apresenta os dados recolhidos, analisados e discutidos a partir do estabelecimento de núcleos de análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pessoas, e especialmente as mulheres, têm
necessidade de engajamentos mais breves, voltados para a
solução de problemas concretos.

Guérin (2005)

É preciso sinalizar que nesse estudo pretendemos, em consonância com os objetivos propostos, perseguir duas questões centrais e complementares. A primeira buscou compreender qual o sentido atribuído pelas pessoas voluntárias da pesquisa às categorizações de gênero. A segunda diz respeito à identificação de elementos potenciadores ou dificultadores da atividade laboral em função dos sentidos atribuídos à categoria gênero. Dessa maneira, o que se almejou foi possibilitar uma análise distinta das comumente utilizadas, com o propósito de auxiliar as/os cooperadas/os numa possível ressignificação da categorização de gênero. Tal ressignificação poderia vir a ocorrer mediante a reflexão de como, a depender das concepções adotadas à categoria de gênero, os sentidos atribuídos ao termo podem interferir positivamente ou negativamente na atividade laboral e nas relações de trabalho.

Pelo estudo apresentado, as concepções de gênero presentes no cotidiano de trabalho, e salientadas durante as autoconfrontações com as pessoas voluntárias da pesquisa, apresentam-se como aquelas calcadas na visão naturalista de homem e mulher, reiterando estereótipos, tais como o binômio – fragilidade *versus* força – utilizado por três, do total de quatro pessoas voluntárias da pesquisa, para designar as características de mulher e homem. Consequentemente, a concepção de gênero adotada justifica as motivações de mulheres e homens a ocuparem determinadas funções e não outras, a partir de “dons”, ou o contrário, reforça as dificuldades para ultrapassar tais barreiras e executarem tarefas distintas daquelas previamente estabelecidas em função do sexo biológico.

Nessa senda, há discursos presentes na autoconfrontação que qualificam as limitações – mesmo as limitações técnicas, no que envolve cursos, investimento – enquanto consequência de escolhas pessoais, o que exigiria maior esforço individual. Ao desconsiderar a opressão de gênero como fator estruturante das relações sociais e econômicas, tal como ocorre com as questões de raça e classe, incorre-se no risco da culpabilização ou responsabilização exclusiva dos sujeitos acerca da trajetória pessoal e profissional.

O sexo biológico é utilizado para reafirmar práticas de desigualdade, tanto no que se refere à segmentação das funções quanto à hierarquização, subvalorizando as atividades

desenvolvidas pelas mulheres. A segmentação encontrada no estudo segue com as mulheres cumprindo com a atividade de esteira, que implica em ser detalhista, embora com rapidez e agilidade; e os homens, com a prensa, que, justificado como sendo o processo final do material a ser vendido, acaba por ocupar uma singular importância na pirâmide hierárquica. Mesmo entre as voluntárias que se ocupam da atividade de prensagem, há o discurso de que a delicadeza das mulheres implicaria na baixa produtividade na prensa, desqualificando-as para a função.

A hierarquização se evidencia na fala de duas entrevistadas, pois sinalizam o desejo por ocupar a função de motorista, que apresenta um *status* diferenciado na cooperativa. Entretanto, a verticalidade das funções, metaforicamente nomeada “teto de vidro”, esbarra na formação técnica, a exemplo da falta de habilitação, para que as oportunidades de escolha das mulheres dentro da estrutura produtiva sejam minimamente equitativas.

No quesito segmentação das funções, as atividades reprodutivas presentes na cooperativa, tais como organização, limpeza geral do barracão e higienização do banheiro, são ocupadas, de forma massiva, pelas mulheres. A hierarquização, nessa função em especial, mostrou-se paradigmática em alguns pontos: primeiramente pela invisibilidade da função, ao não ser apontada como uma atividade que exigia uma divisão semanal entre as cooperadas; um segundo ponto observado foi o sentimento de inferioridade, adjetivado como *humilhação* entre as cooperadas e que por essa razão não aceitaram serem gravadas ao realizarem essa atividade.

Como explicado no início da análise de dados, a atividade de higienização dos banheiros foi inserida na autoconfrontação a partir da foto da tabela de divisão semanal. Essa atividade, sendo executada exclusivamente por mulheres, tanto na higienização do banheiro feminino quanto o masculino, somados aos sentimentos de inferiorização, humilhação e submissão declarados em entrevista, seguidos da impossibilidade de questionar a divisão de tarefas, evidenciam que a horizontalidade dos processos decisórios é um aspecto que nem sempre se faz presente nesse empreendimento.

A partir das contribuições da economia feminista, essa pesquisa de campo colabora no sentido de perceber que, mesmo no contexto da economia solidária e com iniciativas de comprometimento com a promoção da igualdade de gênero e ações dedicadas ao protagonismo e fortalecimento das mulheres, tal como a criação da SEMUC-SP, as atividades reprodutivas não deixam, automaticamente, de ocupar a esfera de atividades invisibilizadas e inferiorizadas.

Tendo em conta: a proposta da Economia Solidária em romper com a Divisão Social do trabalho; a explicação dos fenômenos relacionados à categorização de gênero a partir de um paradigma feminista, seria pertinente afirmar que a junção da Economia Solidária com a Economia Feminista oferece possibilidades reais de transformação social acerca das desigualdades de gênero.

Retornando à pergunta que intitula a pesquisa: “lugar de mulher é onde ela quiser?” Percebemos que a frase enquanto lema coletivo de engajamento político e ideológico é importante na reafirmação de que ocupar os espaços é um direito universal, evidenciando o gênero que historicamente teve seus direitos cerceados. No entanto, no âmbito pessoal pode recair sobre o indivíduo a responsabilidade de ocupar os espaços, caracterizando enquanto *escolhas pessoas*. Na pesquisa temos o exemplo das voluntárias A. e L., que almejavam conduzir caminhão, mas a por falta de habilitação foi decisivo para ainda não se concretizar. Precisamos pensar em fatores dificultadores para que essas mulheres adquiram a formação técnica e enfim possam ocupar todos os espaços. Qual a possibilidade de A. e L. disponibilizarem de um horário contra turno para essa formação? Quais iniciativas existem para que essa trabalhadora possa delegar o cuidado dos filhos e da casa para se dedicar em uma segunda e/ou terceira jornada de trabalho? Esses são alguns exemplos de que não basta ter iniciativa ou força de vontade. Mas se a frase for lema coletivo, tais questionamentos podem ser transportados para reivindicações de políticas públicas.

É preciso reconhecer que este trabalho apresenta algumas limitações para responder aos temas examinados. Ao considerar que: segundo as teorias abordadas, a opressão de gênero ocorre no âmbito privado; que as mulheres são subjetivadas para exercer funções submissas frente às tarefas de domínio masculino, ressalta-se a necessidade de pesquisas que abordem com maior abrangência o perfil e o cotidiano sócio-econômico-cultural de mulheres e homens trabalhadoras/es da economia solidária.

Por fim, ao apontar para pesquisas futuras, consideramos cinco aspectos levantados ao longo da pesquisa: primeiro, que o lugar da mulher na sociedade deve seguir em constante questionamento a fim de promover a ruptura da divisão sexual do trabalho; segundo, que essa transformação do trabalhador demanda tempo e contínua prática da democracia; em terceiro lugar, que a Economia Solidária apresenta condições reais de transformação social; um quarto ponto a considerar é que a Economia Feminista aborda a questão de gênero, mais precisamente a ruptura estrutural dessa opressão em consonância com a proposta da Economia Solidária, de ruptura da opressão de classe; e, finalmente, o quinto ponto consiste em considerar que, no cerne da divisão sexual do trabalho, estão a invisibilidade e a

submissão na escala de hierarquias das práticas reprodutivas, tanto as que ocorrem no âmbito público quanto no privado.

Tendo em conta esses cinco aspectos apreendidos da presente pesquisa, identificamos a necessidade de estudos futuros que objetivem dimensionar os diferentes percursos de mulheres e homens trabalhadoras/es da economia solidária, tanto no âmbito público quanto no ambiente doméstico, de modo a centralizar a análise nas funções reprodutivas como essência para promoção e sustentabilidade da vida.

Por fim, anunciamos a intenção imediata de devolutiva com a cooperativa de trabalhadoras/es de materiais recicláveis que se disponibilizou a voluntariar, oportunizando a realização desse trabalho.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006.
- ANDRADE, P. M. A economia solidária é feminina? A Política Nacional de Economia Solidária sob o olhar de gênero. **SER Social**, Brasília, v. 10, n. 23, p. 139-169, jul./dez. 2008.
- AZAMBUJA, L. R. Os valores da economia solidária. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 282-317, 2009.
- BLAY, E. A. **Trabalho domesticado**: a mulher na indústria paulista. São Paulo: Ática, 1978.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Economia Solidária**: O que é? 26 ago. 2015. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/trabalhador-economia-solidaria/o-que-e>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- BUTHER, J. Variações sobre Sexo e Gênero – Beauvoir, Witting e Foucault. In: BENHABIB, S.; CORNELL, D. **Feminismo como Crítica da Modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1987. p. 139-154.
- CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE. FUNDAÇÃO ODEBRECHT. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação**: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona, 1998. p. 142-150.
- CARRASCO, C. Introducción: hacia una economía feminista. In: _____. (Ed.). **Mujeres y economía**. Barcelona: Icaria, 1999.
- _____. La Economía Feminista: uma apuesta por outra economia. In: VARA, M. J. (Org.) **Estúdios sobre gênero y economia**. Madrid: Akal, 2006.
- _____. Por uma economia não androcêntrica: debates e propostas a partir da economia feminista. In: SILVEIRA, M. L.; TITO, N. (Org.). **Trabalho doméstico e de cuidados** – por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 2008. p. 91-104.
- CARVALHO, A. M. R. de; RONDINI, C. A. Perfil Sócio-Profissional de Catadores em Associações e Cooperativas do Oeste Paulista. In: CONGRESSO DE PESQUISADORES EM ECONOMIA SOLIDÁRIA – CONPES, I., 2015, São Carlos. **Anais...** São Carlos: Diagrama Editorial, 2015. p. 1-10. Disponível em: <http://www.conpes.ufscar.br/wp-content/uploads/trabalhos/gt4/sessao-1/carvalho_ana_maria_rondini_carina_alexandra.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.
- CISNE, M. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.
- CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Y. A perspectiva do trabalho na França e a perspectiva da clínica da atividade. Tradução de Neide Ruffeill & Cláudia Osório. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 22, n. 1, p. 207-234, jan./abr. 2010a.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira e Marlene Machado Zica Vianna. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010b.

CRUZ, T. C. S. “Qual é teu trabalho, mulher?” Mulheres empreendedoras no contexto da Economia Popular solidária. 2006. 396 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, C. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 173-178.

FARIA, N. “Sexualidade e gênero: uma abordagem feminista”. In: _____. (Org.). **Sexualidade e Gênero**. São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, 1998. p. 9-59. (Cadernos Sempreviva).

FONSECA, F. P. **Associações e mulheres**: possibilidades de (re)construção identitária e empoderamento. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2010.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA - FBES. **Carta de Princípios da Economia Solidária**. 2 maio 2005. Disponível em: <<http://fbes.org.br/2005/05/02/carta-de-principios-da-economia-solidaria/>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

_____. **Relatório da VIII Reunião da Coordenação Nacional do FBES**. nov. 2008. Disponível em:

<http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=408&Itemid=18>. Acesso em: 10 ago. 2018.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Trabalho Doméstico. In: HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p.256-260.

FRANÇA FILHO, G. C. de. A problemática da economia solidária: uma perspectiva internacional. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 16, n. 1-2, p. 245-275, dez. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922001000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2017.

_____. Teoria e prática em economia solidária: problemática, desafios e vocação. **CIVITAS**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, 2007.

FRANÇA, G.; DZIMIRA, S. Economia solidária e dádiva. **Revista O&S**, Salvador, v. 6, n. 14, p. 141-183, jan./abr. 1999.

GUÉRIN, I. **As mulheres e a economia solidária**. São Paulo: Loyola, 2005.

HERK, A. C. V. **Gênero e economia solidária**: Um olhar sobre a participação e atuação das mulheres nas organizações no Terceiro Setor. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Gestão de Negócios, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

HILLENKAMP, I.; GUÉRIN, I.; VERSCHUUR, C. A Economia Solidária e as teorias feministas: possíveis caminhos para uma convergência necessária. **Debates feministas**, São Paulo, n. 3, p. 1-34, out. 2016.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: MARUANI, M.; HIRATA, H. (Org.) **As novas fronteiras da desigualdade**: Homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Ed. SENAC, 2003. p. 111-123.

_____. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estatísticas de gênero**: uma análise dos resultados do censo demográfico 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, n. 33). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

_____. **Estatísticas de Gênero** – Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 06 out. 2018.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. ed. Brasília: Ipea, 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. **Situação Social das Catadoras e dos Catadores de Material Reciclável e Reutilizável**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacao_social_mat_reciclavel_brasil.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2017.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

LANZA, L. M. B. et.al. **Dicionário Popular de Economia Solidária**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

LAVILLE, J.-L. A economia solidária: Um movimento internacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 84, p. 7-47, mar. 2009.

LECHAT, N. M. P. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. In: SEMINÁRIO DE INCUBADORAS TECNOLÓGICAS DE COOPERATIVAS POPULARES, II., 2002, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2002. Disponível em: <http://www.socioeco.org/bdf_fiche-document-3278_pt.html>. Acesso em: 10 out. 2018.

LOBO, E. S. **A classe trabalhadora tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura e Brasiliense, 1991.

MANCUSO, M. J. C. **Além do observável: coanálise da atividade docente**. 2018. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

MARTIN, E. **A mulher no corpo: Uma análise cultural da reprodução**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MATHIEU, N. C. Sexo e gênero. In: HIRATA, H. et al. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p. 222-231.

MELLO, S. L. Economia e Democracia. In: FÍGARO, R. (Org.). **Gestão da Comunicação no Mundo do Trabalho, Educação, Terceiro Setor e Cooperativismo**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 151-158.

MOMO, D. C. **Economia Solidária e relações de gênero na agricultura familiar: o caso do grupo produtivo “Mulheres Decididas A Vencer”**. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

MOREIRA, L. de M. M. **Vida e trabalho das mulheres catadoras de materiais recicláveis e suas relações com a economia solidária**. 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS - MNCR. **Carta Aberta do 1º Encontro Estadual de Mulheres Catadoras de Materiais Recicláveis do Estado de São Paulo**. 30 set. 2015. Disponível em: <<http://www.mncr.org.br/noticias/blog-sudeste/carta-aberta-do-1deg-encontro-estadual-de-mulheres-catadoras-de-materiais-reciclaveis-do-estado-de-sao-paulo>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Mulheres: Movimento ElesPorElas (HeForShe) de solidariedade da ONU Mulheres pela Igualdade de Gênero**. 2016. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/ceos-das-empresas-do-impacto-10x10x10-da-elesporelasrevelam-dados-de-genero-em-relatorio-lancado-durante-o-forum-economico-mundial/>>. Acesso em: 06 fev. 2016.

PAULILO, M. I. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 229-252, jan./abr. 2004.

PEREZ, D.; MESSIAS, C. A autoconfrontação e seus usos no campo da linguística aplicada ao estudo do trabalho do professor. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 2, n. 2, p. 92-112, jan./jun. 2013a.

_____. O dispositivo metodológico e interventivo: Autoconfrontação e seus usos em pesquisas de educação. **Nuances: estudos sobre educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 81-100, set./dez. 2013b.

_____. Usos da autoconfrontação na linguística aplicada: o caso de um grupo de pesquisa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 54, n. 2, p. 245-266, 2015.

PEREZ, D.; OLIVEIRA, S. O. Formação de Professoras no Curso de Pedagogia: O Refletido e o Vivido. **Comunicações**, Piracicaba, v. 22, n. 1, p. 99-118, jan./jun. 2015.

PIRES, A. S. **Autogestão, Economia Solidária e gênero**: as trabalhadoras de cooperativas incubadas da cidade de São Carlos. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

QUEIROZ, J. L. A. P. **Trajetória de Vida e Trabalho das Mulheres Empreendedoras de Boa Vista, Roraima**: avanços e vitórias. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

RAMOS, A. T. A. **Mulheres trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária no norte mineiro**. 2012. 148 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

RUBIN, G. **O trafico de mulheres**: Notas sobre a economia politica do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. 3. ed. Sao Paulo: Expressao Popular, 2013.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. (Coleção Brasil Urgente).

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SINGER, P. Dez anos de Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). **Mercado de Trabalho, Brasília**, v. 56, p. 89-93, fev. 2014.

_____. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas. São Paulo: Editora Contexto, 2001

_____. **Uma utopia militante: Repensando o Socialismo**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

SOUZA, V. L.; ANDRADA, P. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 3, n. 30, p. 355-365, 2013.

SPECHT, A. A. Economia Feminista. **Cadernos Brasil Local: Desenvolvimento e Economia Solidária**, Brasília, suplementos 2009, p. 4-12, 2009.

STAKE, R. E. **The art of case study research**. London: SAGE Publications, 1995.

TYGEL, D. O que é FBES?. **Fórum Brasileiro de Economia Solidária**, 5 mar. 2011. Disponível em: <<https://cirandas.net/fbes/o-que-e-o-fbes>> Acesso em: 26 ago. 2017.

VASCONCELOS, B. M. de. **Gênero, tecnologia e Economia Solidária**: reflexões a partir da experiência de uma associação de mulheres rurais. 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

VASCONCELOS, B. M. de; DIAS, R. B. Trabalho Associado, Mulheres e Tecnologia. In: CONGRESSO DE PESQUISADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA – CONPES, 2016, São Carlos. **Anais...** São Carlos: Universidade federal de São Carlos, 2016. p. 1-16. (GT 3 – Relações de Gênero).

VERONESE, M. V. **Psicologia Social & Economia Solidária**. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.

VIEIRA, M.; FAÏTA, D. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia**, Cuiabá, v. 7, n. 1, p. 27-65, 2003.

VIGOTSKI, L. S. (1934). **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. (1926). **Psicologia pedagógica**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WIRTH, I. G. **Mulheres na triagem, homens na prensa**: questões de gênero em cooperativas de catadores. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013.

WOOLF, V. Memórias de uma União das Trabalhadoras. In: _____. **Profissões para Mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2013. v. 10, p. 65-93.

YANNOULAS, S. C. (Coord.). **A convidada de pedra**: mulheres e políticas públicas de trabalho e renda: entre a descentralização e a integração supranacional: um olhar a partir do Brasil (1988-2002). Brasília: FLACSO; Abaré, 2003. (Coleção Políticas Públicas de trabalho Emprego e Geração de renda).